

A FALTA DE TATO DE UM FADEOUT

Avital Ronell

...murmúrio, murmúrio, murmurmúrio, hmm, sou capaz somente de um primeiro reflexo, digo a mim mesma. Não precisa ser uma reflexão completa, Camillo está pedindo apenas um sinal, eu talvez nem precise sustentar uma melodia. Philippe, Philippe. Não consigo pensar direito, ah sim, tem o “Eco do Sujeito”, a coisa da cesura, da poesia e da mudez.¹ O eixo antropológico em Heidegger: eu poderia fazer isso, talvez. Embarcar num *takedown* sutil, entrando firme mas cautelosa. Não sei. Demasiado focado, mal consigo ver direito. Preciso encontrar uma alavanca de libido. Houve uma época em que fui sua tradutora, deveria ser capaz disso.² Que tal a “retirada do político”³ ou, melhor ainda, a contracapa que ele escreveu para mim. Isso, posso falar de mim, isso vai ativar o motor da escrita, nada mal. Ah, sai dessa, você perdeu o juízo, o Superego se precipita sobre mim, com o corretivo usual de “olho na recompensa”, siga na direção de honrar, mantenha-se na lateral da agonia comemorativa, recuse a compensação maníaca, reverencie mas prossiga, como se pudéssemos prosseguir, devêssemos prosseguir, um “dever de prosseguir” que se deforma rapidamente em um sorriso de escárnio: “vai, vai, continua,” como se eu tivesse passado do limite da credibilidade. Já, tão cedo. Espera, eu poderia prestar uma homenagem à hiperbólica de Philippe,⁴ mas ainda seria meio sobre mim, demasiada munição para o traço autobiográfico, estou sempre nas cercanias do hiperbólico, mesmo quando estou de folga, à toa, ficando basicamente na minha. E do nada dizem que exagero ou que invento (Hélène Cixous: “Quando falei que você inventa, não a chamei de mentirosa, Avital, você me entendeu mal, chérie”). Ainda muito sobre mim, me faz retorcer, preciso me retirar do circuito, sair de cena, ou seja o que for que digam sobre o recato durante o luto. Achar uma tonalidade mais calma, a nota musical que falta. Ou simplesmente deixar para lá. Eu não posso fazer isso. “A vida vale a pena ser vivida?” Lembra, de repente, em Max Weber. Mas isso não tem nada a ver com Philippe. A não ser a estrutura da melodia assombrosa que ele retrata. Em minha cabeça: “A vida vale a pena ser vivida?”, a pergunta urgente da filosofia. Nota, *Not (Não)*⁵: “aflição”, em alemão, fortemente acentuado em seu trabalho. Talvez eu deveria fazer algo com a sua leitura de “*Dichtermut*” (“A Coragem do Poeta”⁶)

e a retórica do exagero, isso lhes servirá de lição. Mas agora, lembre-se que é comemorativo, eu deveria permanecer dentro dos limites da “*Andenken*” (“Recordação”), talvez, mantendo-me com o poema de Hölderlin sobre o qual Philippe dedicou tanta energia reflexiva, até traduzindo-o, e fazendo a narração sobreposta para o filme que assistimos.⁷ A sua voz. Sobreposta. Sobre, *über, vorüber*, sobre. Sobras. Tudo isso na função centrífuga. Não consigo, não dá, Camillo se zangará comigo? Depois de todas essas páginas comprometidas com a patologia do luto e as economias maníacas da escrita. Tudo bem não dizer nada e deixá-lo à deriva, sozinho?

Por outro lado, será que consigo evitar o narcisismo de anexação, de pôr as marcas de meus dentes de proprietária nele, tirando um pedaço dele, como evoca Derrida com sua série de mordidelas, os sons que acompanham remorso, morte, a escala completa de instantes de incorporação do tamanho de bocados.⁸ Eu poderia fazê-lo primorosamente, com um sorriso largo, mostrando bem os dentes, torná-lo meu, abrir bem grande e introjetar. “Ele faz parte de mim, Philippe, *meu* Philippe, eu o amava como... Eis aqui umas histórias para prová-lo.” Não, é meio inevitável engoli-lo inteiro neste momento, faz parte da “apropriação” complacente do companheiro ausente. Que tal a *desapropriação*, posso escrever algo sobre a sua tendência à “desinstalação” e assim adentrar no núcleo pensante de sua obra. Ele me ensinou que Nietzsche era a ausência de uma obra, tudo organizado ao redor de um buraco perfurado numa obra que não se fecha. Ele leu Heidegger conosco, tornou Heidegger suportável, como diz Susan, nos proporcionou uma senha de acesso a Heidegger, sem, entretanto, torná-lo fácil, na verdade tornando-o muito mais difícil, retirando os pisca-piscas, evocando a tempestade solar de um pensamento do qual é impossível esquivar-se. Não, não consigo fazer isso. É muito cedo. Muito escuro. Consigo talvez balançar ao som de uma música fantasma, mas estou incapacitada em relação ao resto da gramática da finalização. Algo como uma dialética da finalização seria necessário neste momento, absurdamente difícil, requereria uma certa lucidez e uma boa dose de distância. Meu balançar e cambalear ainda não alcançou o *Dis-tanz* nietzschiano. Sou uma acadêmica, deveria ser capaz de produzir, “*poietizar*” mesmo de olhos vendados a essa altura, à beira da consciência, a essa altura, repito a mim mesma. Como posso me anestesiá-lo no piloto automático e datilografar o meu pesar? Talvez eu possa compilar listas, assinalar os temas e *topoi*, as inovações lexicais que ele criou, e o vocabulário do ser que a sua obra evoca. Isso seria uma contribuição, penso comigo: comece apenas com um livro-caixa, torne-se uma contadora do amigo que se foi. Isso já seria um

serviço por si só, nem preciso inserir um “eu”, ou cantar acompanhando a bolinha saltitante do luto e da mania, comece apenas transcrevendo, organizando colunas de suas inscrições no mundo do pensamento. Vejo apenas vantagens nesse procedimento, que, ainda por cima, traz um bônus afetivo: dessa forma poderei permanecer anestesiada, no máximo ligando aqui e ali em modo-DJ, arranhando e estourando mas sem me envolver e sem bombear a energia que não tenho para pensar ou juntar as coisas. É cedo demais. Estou exaurida, esgotada pela *Disparition* [“o desaparecimento”] de Philippe, como dizem.⁹ Aqui está o que posso fazer para você. Aceitarei a tarefa de transcritora zumbi, como secretária do fantasma (que, de qualquer maneira, é tudo o que eu queria ser), estarei simplesmente anotando de forma estenográfica, tomando notas sem qualquer mito exagerado de interioridade, ou de inspiração autoral, e sem ventos subjectivizantes soprando nas velas do meu barco. Dessa forma “eu”, nem bem um sinal de pontuação, poderia percorrer o vinco do seu pensamento sobre a “falha [*défaillance*] do mito”, abordarei de outro lado o sujeito vacilante.¹⁰ Talvez eu possa oferecer um sumário do que Denis Hollier trouxe à tona: “o que sublinhamos quando lemos o trabalho de alguém?” Foi sua pergunta no tributo a Philippe.¹¹ Isso é o que posso fazer, acumular todos os sublinhados e reunir talvez os dos outros enlutados. O que eles sublinharam em sua obra? Que tipo de linha de apropriação esses grifos salientam nesse momento? Acredito que Philippe aprovaria este passo. Ele entenderia minha aflição e o retorno à linha. Talvez eu fique próxima da aflição de Philippe, tornando-a meu lar, penso comigo mesma. Posso computar e tabular, dar início aos livros, apertar o botão “aflição”.

É possível que nenhum dos grandes filósofos franceses tenha compreendido tão bem a aflição quanto Philippe Lacoue-Labarthe. Ele montou na onda da expressão de Hölderlin, “*in dürrföiger Zeit*” (“em tempo esvaziado”), e fez seu próprio caminho através do *Not/Não* (“aflição”) de Heidegger até o final de uma impressionante obra. Lacoue-Labarthe combinou tropos de aflição para criar uma retórica de eticidade inigualada, sem torná-lo um fardo e sem inflacionar a moeda aceita do discurso prescritivo. Muitas vezes permaneceu sozinho, mesmo sendo um dos pensadores que mais se projetou, fazendo parceria momentosa com Jean-Luc Nancy, Jean Christophe Bailly, e vários outros. Seu pensamento político se estendeu a instituições, ao mesmo tempo que recuava de suas complacências desiludidas, e de seus esvaziamentos esquizóides. Ele nunca desistiu da poesia, nunca; foi um dos únicos filósofos rigorosos, com a exceção de Schopenhauer, às vezes Nietzsche e talvez também Adorno, a ouvir música e deixá-la entrar, pedindo que falasse.

Tinha o ouvido perfeitamente afinado para o desastre histórico e para a censura. Ele desobstruiu abismos terríveis, e perscrutou as perdas que marcam algo como um inconsciente retórico. Com Nancy ele leu Lacan para Lacan – em sua maneira típica, Lacan fulminou seus próprios discípulos, criticando-os por não igualarem a argúcia de *O título da letra*, onde os dois filósofos enfrentaram o mestre da psicanálise de forma exemplar. Seu cuidado e seu esmero permanecem sem precedentes.

* * *

Descansarei meus remos, sentada no silêncio. Está bem. Não, não está bem, mas é o melhor que posso fazer nessas circunstâncias. Estou tão por baixo, tão aflita, tão *blue*: “*blue*” foi uma das últimas palavras de Philippe, segundo Claire Nancy. “Como assim você não se sente bem? Mentalmente ou fisicamente?” “De forma assim meio *blue*”, ele falou no hospital, pouco antes do fim. Sua ligação com o blues – a forma musical quero dizer – é hoje legendária. Poder-se-ia dizer, esticando um pouco as coisas, que é o que proporciona o compasso ascendente para as leituras de Wagner, trazendo de volta, de forma meio contrapontística, as ideologias musicais e o pernicioso pano de fundo identitário do esteticismo nacional, mesmo em uma faixa tocada em mudo (como a pulsão de morte, segundo Freud).¹² “O Blues contra Wagner:” Nietzsche teria conseguido levar isso a cabo, com seu senso de conjunto e de ruptura. O blues se separa do pesado propósito alemão do sentido destinal e da euforia abissal de Wagner. É como se, para Lacoue-Labarthe, a crítica de Nietzsche a Wagner (que, pelo menos desta vez, Heidegger defende e apóia) conseguisse desviar da aberração-Bizet exibida por Nietzsche em sua primeira fase contra-Wagner e desaguasse diretamente no blues. Philippe Lacoue-Labarthe foi tomado pelo blues no limite da finitude, ao dar seus últimos suspiros.

Durante os anos de uma afetuosa e muitas vezes intensa amizade – do tipo que envolve confiança, intimidade e a conversa infinita, como também um senso de ironia sobre a coisa toda – Philippe se recolhia em si mesmo, acredito eu, com frequência nas vizinhanças inenarráveis do blues. Esse apego ao blues aparece novamente, mas na maioria das vezes como “jazz,” em *Le chant des muses [O canto das musas]*, a “pequena conferência” que Lacoue-Labarthe apresentou no Centre dramatique national de Montreuil, numa conversa com um grupo de crianças que pretendia mostrar “um movimento de amizade atravessando gerações,” segundo o prefácio do livro que me foi

dado por Micaela Kramer, que esteve no evento. O modelo para esse tipo de encontro e de palestra foi o programa de rádio de Walter Benjamin, direcionado a crianças, de 1929 a 1932. Philippe escolheu falar com as crianças sobre música e filosofia, sobre as musas e o blues, sobre os gregos e *rhythmos* – até sobre música como “uma produção (uma poïesis “técnica”): uma arte”¹³ Sinto-me atraída por essa cena não apenas porque Micaela, aluna querida, chamou minha atenção para ela, enquanto estava à deriva no desespero de sua perda, desanimada e sem fala... Pensei em simplesmente ouvir música, é o que farei, vou ouvir música com Philippe e através dele, conectando-o de forma estereofônica a Nietzsche, que foi quem pôs o espírito na música apesar de tudo o que diga em contrário, vou apenas me sentar e ouvir sua música, Micaela me deu a idéia e o analista jungiano, com quem fiz um curso em um ashram, me aconselhou a dançar para o que partiu, bailar com o que ainda se apegava a esse espírito da música. Talvez descartarei os livros-caixa que estava preparando e simplesmente sintonize seu pensamento com a música que florescia através dele. Talvez Nietzsche não estivesse tão equivocado ao grampear o espírito à música, ao trinar tragédias. Seria uma “razão” para ligar o canal de música ao fazer uma conferência com Philippe ou até sobre ele. De qualquer maneira, em *Musica Ficta*, sua obra magistral, o próprio Philippe diz que a questão da música nunca é uma questão somente de música.

A outra razão para seguir o caminho de *Le Chant des Muses* neste momento (embora em um de seus artigos, Jean-Christophe Bailly questione se ainda podemos dizer “*canto*” ou reanimar o espírito da poesia em termos de música ou *Gesang*¹⁴) – a outra “razão” é que nessa obra, Philippe muitas vezes, e através de protocolos sutis, precede a idade da razão – precede a si mesmo, de certa forma, pois ele era o mais razoável dos *Daseins* que conheci, e suas elaborações sempre foram, se é possível dizê-lo, intensamente racionais. Esta outra razão, que, paradoxalmente, o torna mais razoável ainda, é que eu sentia que ele conseguia comunicar com a minha idade, que até hoje ainda não alcançou a idade da razão, mas engatinha às vezes em níveis infantis de incompreensão, ofegante pela respiração da compreensão. Minha necessidade de recomeçar, minha compulsão de recompor, são colossais, a única qualidade de grande-escala que posso exibir. Então ele se agacha até o meu nível, torna-se pequeno sem falar de cima para baixo. Dirige-se às crianças, ensinando filosofia, introduzindo-os à música. Ensinando crianças ele se dirige a mim, penso comigo, ele instiga um *minority report*, permite minhas regressões e minhas confusões, a minha ainda ortodoxa experiência de espanto filosófico.

Ele autoriza o cardápio de *thaumazein* [espanto] das crianças, alistando um vocabulário de perplexidade original (meus colegas alemães prostram-se diante dessa palavra, adorando-a sem nenhuma ambivalência, ao menos dessa vez), baseando suas afirmações cuidadosamente fraseadas sobre o que, em outro contexto, eu remeto à carregada conjunção de *estupor* no momento em que vira *estupidez*.¹⁵ Claramente uma outra história, e inteiramente inadequada para um texto comemorativo, o assunto da estupidez, embora esteja diretamente ligada à pulsão de morte. Além do que, me faz lembrar de como Philippe não hesitava em dizer coisas como: “não faço a mínima idéia de aonde ele quer chegar,” quando lhe indaguei, por exemplo, sobre um filosofema em Deleuze, ou quando ele alegou não entender a partilha entre o “outro além do ser” e o ser em Lévinas.¹⁶ Mas isso era no âmbito do conhecimento, então dizer “confusão” seria ir longe demais: Philippe não via razão nenhuma para reservar uma zona “outra” para o ser: “*mais c’est l’être*,” [“mas é o ser”], ele me disse, insistindo no alcance expansivo do ser, e quando, dando carona a Lévinas num engarrafamento, eles tiveram todo o tempo para Lévinas forçá-lo a dizer alguma coisa. Percebo que estupefação e cognição eram frequentemente substituíveis para Philippe, pois assumir a postura de não saber ou não entender significava apenas que ele entendia bem demais.

Ainda assim, quando uma vez parti para provocá-lo em Berkeley,¹⁷ tentando causar problemas com meu jeito histérico-ingrato-indesculpável-traidor de ser – minha forma desavergonhada de retribuir a generosidade e a incomparável luminosidade de meu amigo – disse-lhe que tinha acabado de ler o trecho na obra de Paul de Man em que diz, sem enfeites nem desculpas, que Lacoue-Labarthe havia abordado Nietzsche como um inexperiente, com indisfarçável ingenuidade.¹⁸ Philippe refletiu por um minuto, talvez tenha piscado, e depois disse, simplesmente: “ele não está errado.” Sua probidade era, a cada vez, irrepreensível – não importa o quanto tentei encontrar uma brecha ou abrir um dossiê do que o magoaria. Ele estava, de certa maneira, com os pés firmemente plantados. “Não se assustem porque acabo de pronunciar essa palavra: *filosofia*. Certamente nos dá a impressão de uma palavra grande, muito impressionante. Mas a filosofia em si, como todas as outras coisas, pode ser aprendida, um passo de cada vez; não é tão difícil quanto vocês possam imaginar. Tudo o que vocês precisam saber, para começar, são duas ou três coisas muito simples. E entender como elas funcionam. Como sempre, é o início que é o mais importante”.¹⁹ Lacoue-Labarthe ensina às crianças os nomes das musas, as origens gregas do pensamento filosófico, e, como bônus, introduz um pouco de teoria da linguagem para bebês. Conti-

quando a minha leitura, contemplo como Philippe ofereceu aos meus contemporâneos e a mim, em termos kleinianos, “uma boa mamada”, uma forma reconfortante de compreender os temas teóricos mais recalcitrantes. Tenho pensado em como, de certo modo, ele me ninou intelectualmente – e a sua imagem se intromete com essa observação: o próprio Philippe parecia um bebê! Ele *era* tão bebê, tão extraordinariamente carente, ansioso e frágil, sempre sugando um cigarro, mas estou me desviando do assunto.

O que significaria que Lacoue-Labarthe ninou alguns de seus leitores mais sinceros? Bem, recordo-me de como ele nos guiava através dos bairros mais barras-pesadas do questionamento com uma delicadeza inaudita. Ele tinha um modo de te levar pela mão ao afagar textos ferozes. Tinha acesso a uma perspicácia catastrófica, e comandava uma gramática do inferno mimético para o qual nós, do Ocidente, fomos remetidos; no entanto, ele operava esses registros do saber com circunspeção e tranqüilidade. É possível que suas declarações não tenham passado a inspeção *demaniãna* devido aos padrões brandos das elocuições de que se provou capaz. Havia firmeza em sua tonalidade, mas ele podia ser despretensioso no nível da redescrição, resoluto porém modesto, aberto sobre suas hesitações, reservado. Por tais razões, acho, as pessoas chegaram a dizer, como se pudesse ser calculado e julgado de forma absoluta – e talvez possa ser, não excluirei essa possibilidade, só que, entretanto, a tornarei uma questão de gosto – que preferem Jean-Luc a Philippe.²⁰ As pessoas tinham a tendência de dizer isso pelas suas costas e uma ou duas vezes abertamente. A divisão de tonalidades não era difícil de decifrar. Nancy deslumbra e se destaca; Philippe mantém-se discreto (o que às vezes pode ser confundido com metódico, embora eu não possa negar que ele às vezes é metódico, metodicamente cristalino); Jean-Luc assume riscos, Philippe oculta seus feitos cada vez mais encobertos de se colocar em risco. É possível que Philippe tenha solicitado implicitamente essa comparação desde que se juntou a Jean-Luc, quando decidiram, como os dois me contaram em diferentes ocasiões, que não podiam viver separados, o que os levou a investir em Estrasburgo – onde foram contratados pelo mesmo departamento, o que não teria acontecido em Paris – esse fato levou vários de nós a especular sobre o destino da “teoria francesa,” de como a cartografia e a ênfase teriam sido diferentes se, por exemplo, Jean-Luc tivesse sido designado a uma universidade parisiense, e como sua reputação teria, então, se igualado a de Deleuze há muito tempo. Se houvesse espaço para isto, e se eu pudesse me regalar com amplitudes derridianas, me dirigiria agora a considerações sobre os mapeamentos materiais, inspecionando, por exemplo, o significado

da recusa de Heidegger de sair de casa e anular o chamado de Berlim, como ele descreve em o *Caminho do campo*, que mais ou menos cobri com boa-fé no livro *Stupidity*, ou como podemos interpretar, em outro nível, a transferência e o alojamento de eminentes acadêmicos da França para os Estados Unidos, as modas que imigrantes intelectuais criaram na história acadêmica em termos dos ainda não mapeados deslocamentos de alemães, britânicos, islandeses, argentinos, africanos, ou o que Derrida criticou quando dizemos “o resto do mundo.”

De forma a manter sua casa do ser, Philippe e Jean-Luc permaneceram em Estrasburgo, onde, como tantos outros, os conheci pela primeira vez antes da Califórnia se tornar, por muito tempo, nosso abrigo compartilhado, e mais recentemente tínhamos nos espalhado até Paris e Nova York, enquanto Jean-Luc permanecia em Estrasburgo, viajando quase diariamente a Paris. Mas eu queria dizer algo sobre a linguagem da discrição de Philippe, a eticidade firme de suas articulações delicadas, mas no entanto impactantes, que transformaram o mundo para alguns de nós, tornando possível de maneira essencial o pensamento. Ele nos ninou, mas apenas da forma que o princípio da realidade vai atrás de você e lhe põe no lugar desde cedo. Mimo, realidade, mimo, realidade: surra, surra. Winnicott diz que a boa mãe ensina a desilusão, pondo-se em controle de um processo de desilusão gradual. A iniciação da relação entre criança e mundo “torna-se possível por uma criação boa o suficiente.”²¹ Philippe era, de certa forma, um explorador do possível, ele permaneceu rigorosamente neste lado da facticidade no modo de, ousar dizer, “uma criação boa o suficiente”. Isso o colocou em desacordo com alguns dos significantes paternos. Então, pode ser que não sejam os impossíveis derridianos que ele assumiu, que é precisamente o que pode ter levado o próprio Derrida a confrontar o trabalho de Lacoue-Labarthe, introduzindo o pensamento da “desistência” no vasto registro de suas reflexões poéticas e filosóficas.²² Ao lado de uma passividade quase levinasiana, a obra de Philippe desiste; ela pratica a desistência em vez de partir diretamente das energias de resistência, ou de abertas rebeliões da linguagem, a insurreição permanente a que nos tornamos acostumados com Lyotard, Kofman, Cixous e Deleuze. Ainda assim, o pretendido deslocamento da resistência à desistência é mais modulado e dissimulado do que a minha descrição leva em conta aqui – há muito mais hesitação e manobras quase-dialéticas em torno dos axiomas da relutância enunciados do que eu possa ter indicado. Parece-me que o sabor retórico da desistência correlaciona-se com a reserva inata e com a contabilidade cuidadosa de Lacoue-Labarthe, sua eticidade quase primordial, se é

possível sustentar um tal embate de figuras. Desistência no contexto de sua escrita, somado ao vocabulário heideggeriano da *Ent-fernung* [ou a-fastamento] o retraimento que *constrói* a si próprio, produz uma virada ou um estilo não-negativo²³ que não difere muito do fraseado fatídico de “prefiro não fazê-lo”.²⁴ Derrida escreve: “Sem ser negativo, e sem ser sujeito a uma dialética, a desistência organiza e desorganiza o que parece determinar.”²⁵ De qualquer modo, Lacoue-Labarthe constrói vários movimentos-chave de seu argumento sobre a sutil propulsão do *des-*, que Derrida situa como parte de uma característica hiperbológica de sua obra.

Quanto a mim, percebo que há muito tempo me demoro nas vizinhanças de termos como desconstituição, desapropriação, como também *desinstalação*, segundo o uso específico de Philippe; fui magnetizada pelas suas atrações abissais. Dei várias aulas em Berkeley, ao lado de Philippe, ligadas pelo título e pela orientação da “desapropriação,” em que estudamos a perda do próprio em diversos textos de tirar o fôlego (Rousseau, Nietzsche, Bernard), apesar de alguns serem silenciosos, calmos, mesmo passivos sobre suas fatalidades desapropriadoras (Eckermann, Dickinson, Wheatley). Sobre as palavras *des-*, Philippe foi um dos poucos a defender o uso freqüentemente descartado de “desconstruir” – uma palavra que, em *A imitação dos modernos*, ele diz não considerar “nem um pouco ‘desgastada’,” mas vê nela a pressão de uma tarefa, às vezes de um imperativo ou um evento. Estou diminuindo o ritmo agora, posso sentir, pressionada por limites de páginas e outras materialidades terrestres – tenho que reler tudo nesse ponto, colocar tudo em alguma ordem preliminar, começar a escrever as colunas e os livros-caixa e os vocabulários que nessa fase anestesiada de choque estão apenas rodopiando ao redor, aleatoriamente, de maneira dissociada. Ainda não comecei a me aproximar de Philippe Lacoue-Labarthe, é cedo demais. Talvez eu tenha seguido o trajeto de Hölderlin sobre o qual uma grande parte da obra de Philippe se baseia, o *ex-zentrische Bahn*, ou “trajeto excêntrico”, ladeando desde o início, em um dos famosos desvios de Philippe. Ou talvez eu tenha me liberado para a custódia de uma declaração assombrosa que ele fez, e que me cativou desde que a encontrei pela primeira vez: Philippe associa a música, a pulsão da música, seja o blues ou Wagner ou o resto de seu impressionante repertório contemporâneo, com a *compulsão autobiográfica* – a compulsão de falar, de contar, até de aventurar ao inefável.²⁶ Como uma neurótica obsessiva de carteirinha, pego a minha deixa a partir de tais afirmações; elas se aderem a mim como injunções, forçando-me a tocá-las até o fim, seguir uma partitura, mesmo em enlutado *pianíssimo*, silêncio, silêncio.....

Não cheguei a falar das perguntas das crianças em *Le chant des muses*. Elas fazem perguntas incrivelmente agressivas, comoventes, determinadas, às quais Philippe responde com uma graça excepcional, abrindo-se a um outro registro de revelação. Reconheço-o nesses momentos, posso senti-lo respirando e fumando e olhando por trás de seus óculos, quase boquiaberto pelo pedido sincero de conhecimento. Ele estava sempre lá, mesmo de cama, ouvindo, preparando-se para atender ao nosso chamado. A última vez que o vi ele me pediu para desconectar o tanque de oxigênio. Disse para eu fazer o que pedia sem protestar. “Pegue os meus cigarros, e agora o isqueiro. Acenda, vai, acenda.” Tum, tum. Meu coração está desnortado. Perdemos um amigo, digo a mim mesma, um mundo desmoronou mas o que restou – “*was bleibet aber*” – é um certo ritmo pelo qual ele nos segura, uma batida ainda pulsante pela qual o seguramos: Hölderlin, os gregos, Nietzsche, Heidegger, todos adquiriram a dignidade de uma batida e pulsação contemporâneas, uma interlocução desconhecida, iniciada e sustentada por Philippe.

Tradução:
Micaela Kramer

Notas

¹ Avital Ronell lista aqui alguns dos temas-textos de Lacoue-Labarthe: “O eco do sujeito” (in: *Le sujet de la philosophie*); “A cesura do especulativo” (in: *A imitação dos modernos*); a mudez da poesia remete, sem dúvida, ao ensaio sobre Paul Celan, *Poésie comme expérience*. (N. do E.)

² Avital Ronell traduziu “The Response of Ulysses.” In: *Who Comes After the Subject?* (N. do E.)

³ “Le retrait du politique” é uma coletânea de ensaios organizada por Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, que reunia as comunicações de participantes do *Centre de recherches sur le politique* das sessões que tiveram lugar entre 1981 e 1982 (na rue d’Ulm). Os dois escrevem uma conclusão aos trabalhos do grupo, intitulada “Le ‘retrait’ du politique” [A ‘retirada’ do político] (N. do E.)

⁴ “Hiberbológica” é o termo cunhado por Lacoue-Labarthe, no trabalho sobre Hölderlin (especificamente em “A cesura do especulativo”) para descrever a lógica hölderliniana que desmonta a matriz dialética por dentro. (Cf. “A cesura do especulativo”, in: *A imitação dos modernos*.) (N. do E.)

⁵ Not é “não” em inglês, e “aflição” em alemão. (N. do E.)

⁶ “Dichtermut”, título de um poema famoso de Hölderlin, de que possuímos diversas versões. A terceira versão tendo o título de “Blödigkeit” [“Timidez”], objeto de análise em um estudo não menos famoso de Walter Benjamin, “Zwei Gedichte von Friedrich Hölderlin”.

Lacoue-Labarthe retoma as análises em “A coragem da poesia” (In: *A imitação dos modernos*). (N. do E.)

⁷ Lacoue-Labarthe “filmou” com Christine Baudillon *Andenken/Je pense à vous*. (N. do E.)

⁸ A referência é provavelmente a “Fors”, prefácio escrito por Jacques Derrida à obra de Nicolas Abraham e Maria Torok. *Le verbier de l’homme aux loups*. (N. do E.)

⁹ No tributo em memória a Philippe Lacoue-Labarthe, organizado por Avital Ronell, na Universidade de Nova York, no dia 23 de março de 2007, sob o título: “Honoring the work and person(s) of Philippe Lacoue-Labarthe (1940-2007)”, Claire Nancy mencionou um poema de juventude de Lacoue-Labarthe, escrito em 1966, quando Lacoue-Labarthe “pensava ser um escritor e não um filósofo”, intitulado “La disparition” [“O desaparecimento”]. Seu último projeto era reescrever esse poema, a que deu o título de “Posfácio ao desaparecimento”, subtítulo: “Essas notas são póstumas”. O valor emblemático desse poema, do título e do gesto que contém, foi sublinhado por Claire Nancy: “Philippe não cessou de desaparecer...” A banda magnética das apresentações do tributo pode ser acessável em: <http://www.slought.org/content/11356/> (N. do E.)

¹⁰ Na *Fiction du politique*, Lacoue-Labarthe elabora o motivo da “falha do mito”, a partir do trabalho realizado em colaboração com Jean-Luc Nancy, em *O mito nazista*. (N. do E.)

¹¹ Denis Hollier faz essa observação em sua comunicação no mesmo tributo mencionado acima. (N. do E.)

¹² Avital Ronell refere-se aqui a *Musica ficta (Figures de Wagner)*. (N. do E.)

¹³ *Le chant des muses*, p. 28.

¹⁴ Em *La fin de l’hymne*, livro de Jean-Christophe Bailly, interlocutor importante de Lacoue-Labarthe. (N. do E.)

¹⁵ Avital Ronell se refere ao seu livro *Stupidity*. (N. do E.)

¹⁶ [Na discussão descrita por Avital Ronell, Lacoue-Labarthe se referia à noção fundamental em Lévinas de que há uma zona além do ser, o “outro além do ser”, resumida no título de sua obra fundamental: *Autrement qu’être ou Au-delà de l’essence*. N. do E.] A história que me foi contada é a seguinte: Philippe havia anunciado, semipublicamente, em Estrasburgo, que não entendia aonde Lévinas queria chegar com “outro além do ser,” [*autrement qu’être*] e expresseu sua consternação abertamente durante uma discussão na universidade. Nos próximos dias o próprio Lévinas viria dar uma palestra em Estrasburgo e Jean-Luc [Nancy] pediu que Philippe o buscasse na estação de trem. Philippe se recusou, dizendo que Lévinas certamente pediria uma explicação pela sua postura, e ele preferiria não confrontá-lo com sua difícil posição no momento de sua chegada. Bobagem, Jean-Luc teria respondido. Vá buscá-lo, ele ainda não sabe de sua discordância e você poderá elaborá-la com calma na ocasião adequada. Além do que, a estação fica a apenas alguns minutos de carro da universidade; não vai haver tempo para debates filosóficos. Philippe foi buscar Lévinas na estação de trem. Era uma sexta-feira à tarde, se me lembro bem. De qualquer forma, havia um engarrafamento e eles ficaram presos no carro. Lévinas se dirigiu a Philippe, dizendo que entendia que eles estavam em desacordo. Será que Philippe faria a gentileza de se explicar? Carros buzonavam, nada se movia, Philippe se viu obrigado a responder ao grande sábio.

¹⁷ Lacoue-Labarthe foi professor-visitante no Departamento de francês da Universidade da Califórnia em Berkeley, entre os anos 1982 e 1994. A periodização de suas visitas variava: um

semestre a cada dois anos, um semestre por ano. Avital Ronell lecionou no Departamento de Literatura Comparada na mesma instituição por volta da mesma época. (N. do E.)

¹⁸ O trecho a que Avital Ronell se refere está em “Genesis and Genealogy (Nietzsche)”. Paul de Man escreve o seguinte: “O nascimento da tragédia é corretamente considerado um dos textos mais unificados de Nietzsche. ‘Seria, em última análise, o único “livro” genuíno de Nietzsche’, escreve Philippe Lacoue-Labarthe [A citação é do ensaio de Lacoue-Labarthe, “Le Détour”, de 1971, p. 52.], em um comentário que fracassa talvez em fazer justiça à coerência de *A genealogia da moral*, mas que reflete todavia fielmente a primeira impressão de qualquer leitor de Nietzsche.” (In: *Allegories of Reading*, p. 83.) O ensaio de de Man, seja dito *en passant*, consiste em uma discussão cerrada com Lacoue-Labarthe, i.e., com o campo aberto por um novo interesse pela retórica, surgida nos anos 1970 na França, e o que ele trará de novos aportes para a leitura de Nietzsche. Seria talvez justo dizer que, de uma certa maneira, toda a tropologia demaniana encontra nesse lugar a sua gênese. (N. do E.)

¹⁹ *Le chant des muses*, p. 11.

²⁰ Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe conheceram-se em 1967, na Universidade de Estrasburgo, e a partir de 1968, e durante muitos anos, começaram uma longa parceria que incluía ministrar seminários de pós-graduação juntos, escrever juntos (*L'absolu littéraire, O mito nazista*) etc. A comparação, ou o “juízo de valor” sobre os dois amigos e colaboradores contumazes era freqüente, sobretudo a partir do momento em que deixaram de colaborar com a mesma assiduidade, quando as diferenças de “estilo” e de escrita se fizeram notar com mais nitidez. (N. do E.)

²¹ D.W. Winnicott, *Playing and Reality*, p. 18.

²² Trata-se de “Desistance”, introdução de Jacques Derrida à coletânea de ensaios de Lacoue-Labarthe publicada nos Estados Unidos, *Typography*. O ensaio de Derrida encontra-se em francês, em *Psyché ou l'invention de l'autre*. (N. do E.)

²³ No § 23 de *Ser e Tempo*, Heidegger descreve a espacialidade do “ser-no-mundo”, como a-fastamento, i.e., ao mesmo tempo afastamento e afastamento do afastamento, ou seja, aproximação. O hífen em “a-fastamento” (Ent-fernung), sublinha o prefixo privativo. “Fas-tamento” em português tem o mesmo sentido de afastamento, daí essa escolha, que preferimos a de Márcia de Sá Cavalcante, tradutora de *Ser e Tempo* para o português, que utiliza, dis-tanciamento. (*Ser e Tempo*, vol. I, pp.152-153). (N. do E.)

²⁴ Frase célebre de *Bartleby*, em *Bartleby, o escrivão*, de Herman Melville. (N. do T.)

²⁵ “Desistance”, p. 41.

²⁶ Em “L'écho du sujet” (In: *Le sujet de la philosophie*). (N. do E.)

Bibliografia

- BAILLY, Jean-Christoph. *La fin de l'hymne*. Paris: Christian Bourgois, 1991.
- BENJAMIN, Walter. "Zwei Gedichte von Friedrich Hölderlin". In: Tiedemann, R. e Schweppenhäuser, H. (orgs.) *Gesammelte Schriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1972.
- DE MAN, Paul. *Allegories of Reading*. New Haven: Yale University Press, 1979.
- DERRIDA, Jacques. "Desistance". In: *Typography: Mimesis, Philosophy, Politics*. Cambridge e Londres: Harvard University Press, 1989. E: "Désistance". In: *Psyché ou l'invention de l'autre*. Paris: Galilée, 1990.
- _____. "Fors". In: Abraham, Nicolas e Torok, Maria. *Le verbier de l'homme aux loups*. Paris: Flammarion, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Caminho do campo* [Schöpferische Landschaften – Warum bleiben wir in der Provinz?]. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- _____. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Vol. I. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e BAUDILLON, Christine. Adenken. In: *Préface de Philippe Lacoue-Labarthe*. Éditions Hors Oeil, 2006.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean-Luc (orgs.) *Le retrait du politique*. Paris: Galilée, 1983.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. "A coragem da poesia". Trad. Fátima Saad. In: *A imitação dos modernos*. Virgínia de Figueiredo e João Camillo Penna (orgs.). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- _____. "Le Détour". In: *Poétique 5* (1971).
- _____. *Le chant des muses*. Paris: Bayard, 2005.
- _____. *Musica ficta (Figures de Wagner)*. Paris: Christian Bourgois, 1991.
- _____. "The Response of Ulysses." Trad. Avital Ronell. In: Cadava, Eduardo; Connor, Peter e Nancy, Jean-Luc (eds.). *Who Comes After the Subject?*. Nova York: Routledge, 1991. 198-205.
- _____. "L'écho du sujet". In: *Le sujet de la philosophie*. Typographes I. Paris: Aubier-Flammarion, 1979.
- _____. *La fiction du politique*. Paris: Christian Bourgois, 1987.

- _____. *La poésie comme expérience*. Paris: Christian Bourgois, 1979.
- _____. “A cesura do especulativo”. Trad. Pedro Alvim Leite Lopes e Ângela Leite Lopes. In: *A imitação dos modernos*. Virgínia de Figueiredo e João Camillo Penna (orgs.). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou Au-delà de l'essence*. Paris: Livres de Poche, 2004.
- NANCY, Jean-Luc e LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. *O título da letra. Uma leitura de Lacan*. Trad. Sérgio Joaquim de Almeida. São Paulo: Editora Escuta, 1991.
- RONELL, Avital. *Stupidity*. Illinois: University of Illinois Press, 2001.
- WINNICOTT, D.W. *Playing and Reality*. Londres e Nova York: Routledge, 2005.

Resumo: Meditação auto/heterobiográfica sobre a obra de Philippe Lacoue-Labarthe.

Abstract: Auto/hetero-biographical meditation on Philippe Lacoue-Labarthe's work.

Palavras-chave: Philippe Lacoue-Labarthe; música; blues.

Key-words: Philippe Lacoue-Labarthe; music; the blues.